

PRODUÇÃO BNDES A CRISE DA CACAUCULTURA BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

O cacau é responsável hoje por mais de US\$100 milhões em termos de receita cambial, representando menos de 1% da pauta de exportações brasileiras. O valor absoluto é ainda expressivo, apesar de estar longe dos valores atingidos no passado, como no ano de 1979, quando chegou, em valores atualizados, a quase US\$2 bilhões. A receita oriunda do cacau já representou cerca de 35% das exportações nordestinas e quase 80% das baianas na metade dos anos 70. Atualmente, apesar de ter perdido importância na pauta de exportações brasileiras e mesmo baianas (15% do total das exportações deste estado), o complexo do cacau (produção, comercialização e industrialização) tem grande importância social, econômica e ambiental para a região sul da Bahia e pode voltar a ter maior participação absoluta e relativa nas exportações do estado e do País, desde que as causas da crise por que passa a cultura sejam sanadas.

O objetivo deste trabalho é possibilitar uma melhor compreensão da crise por que passa a cacaucultura baiana, a mais grave de sua história, sinalizando alternativas para a sua superação.

HISTÓRICO

O cacauero é originário de regiões de florestas pluviais da América Tropical. À medida que o consumo do cacau ganhou importância econômica, seu cultivo foi implantado em diversos países que apresentavam condições favoráveis. O cacau foi introduzido no sul da Bahia em 1746. Os principais centros mundiais de produção são Brasil, África (Gana e Costa do Marfim, maior produtor mundial), Malásia e Indonésia. Sendo que estes dois últimos implantaram uma cacaucultura moderna e de caráter empresarial.

A cultura do cacau se desenvolveu no Brasil acentuadamente no início do século XX, tornando-se a principal atividade agrícola do estado da Bahia, responsável por cerca de 80% da produção. Dentro deste estado, a produção se concentrou na região sul, caracterizando-se como uma monocultura voltada para exportação. A cacaucultura é a principal fonte de renda da região, envolvendo cerca de 200 mil trabalhadores e 25 mil propriedades, e é responsável pela manutenção do solo e da Mata Atlântica.

Após a primeira grande crise enfrentada pela cacaucultura nacional, o governo criou a CEPLAC -Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômico-Rural da Lavoura Cacaueira- em 20 de fevereiro de 1957. O objetivo era restabelecer o equilíbrio financeiro da economia cacaueira e recuperar a lavoura através da modernização dos métodos de produção e renovação de cacauais.

Apesar das ações da CEPLAC, ao longo de todo esse período, não foram adotadas medidas para atingir uma modernização da cultura de forma a elevar a produtividade sistematicamente e a avançar na direção de um

desenvolvimento auto-sustentado, livre de crises internacionais. Isto se deve principalmente ao tradicionalismo dos cacaucultores e a sua resistência ao cooperativismo que seria uma forma de obter melhorias na cultura e nas condições de negociação da produção.

A tabela a seguir apresenta uma comparação de nível tecnológico do processo de produção, composição etária dos cacauais e produtividade entre os principais países produtores.

TABELA 1

PAÍS	NÍVEL TECNOLÓGICO	% dos cacauais com mais de 30 anos	PRODUTIVIDADE (kg/ha)
COSTA DO MARFIM	MÉDIO - BAIXO	20	450
GANÁ	BAIXO	60	250
NIGÉRIA	BAIXO	60	250
CAMARÕES	BAIXO	45	300
MALÁSIA	MUITO ELEVADO	2 a 3	700
INDONÉSIA	BAIXO	1	1000
BRASIL	ELEVADO	50	500

Fonte: MEMEZES, José e CARMO NETO, Dionísio.

De acordo com a OICC (ICCO - International Cocoa Agreement Organization - Organização Internacional do Cacau), a cacaucultura brasileira é a segunda em tecnologia, atrás apenas da Malásia. Os altos custos do cacau brasileiro são derivados do envelhecimento dos cacauais, dos custos de transporte e, mais recentemente, das doenças que se espalharam com o relativo abandono dos

tratos da cultura. Consta que o cacau brasileiro tem maior custo que o africano e indonésio, equivalendo-se ao malaio. O país tido como o mais competitivo, desde que resolva seu problema quanto à qualidade, é a Indonésia, que tem baixíssimos custos com mão-de-obra e cacauais muito jovens.

MERCADO

O cacau é comercializado tanto em sua forma *in natura* (amêndoas) como na forma de derivados (liquor, manteiga, cacau em pó e torta). Sua importância advém do fato de ser insumo essencial da crescente indústria chocolateira.

A amêndoa do cacau é um produto que não pode ser estocado pelos produtores por ser

bastante perecível. Assim, seu mercado sofre, por ocasião da safra, de um excesso de oferta e decorrente queda de preços. Somente após o processamento pode-se estocar. Por isso é tão importante que os produtores tenham unidades processadoras, eliminando a necessidade de venda imediata do cacau após a colheita. A fragilidade da economia cacauera é agravada por sua estrutura de mercado como será visto a seguir.

- Mercado internacional

O mercado mundial de cacau envolve um jogo de forças desequilibrado. De um lado temos como principais produtores/exportadores países em desenvolvimento, conforme podemos observar na tabela abaixo.

TABELA 2 (Em mil t):

PAÍS/PRODUÇÃO	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94
COSTA DO MARFIM	725	804	746	755	770
BRASIL	348	368	292	302	296
GANÁ	295	293	243	311	260
NIGÉRIA	160	162	110	132	134
CAMARÕES	125	113	105	88	96
INDONÉSIA	115	158	178	225	253
MALÁSIA	244	221	220	222	220
TOTAL MUNDIAL	2416	2537	2263	2235	2378

Fonte: OICC, Reuters, Lamdell Mills e CEPLAC

Os principais consumidores/importadores mundiais de cacau, por sua vez são países desenvolvidos, com alta renda per capita, representados por seis grandes grupos empresariais, que respondem por aproximadamente 80% das compras mundiais de cacau. Destes, três são americanos, dois têm sede no Reino Unido e um é francês.

Entre os maiores consumidores mundiais destacam-se os EUA, conforme podemos observar na tabela abaixo.

TABELA 3 - 1992 (em mil t):

PAÍS	QUANTIDADE	PART. NO TOTAL MUNDIAL
EUA	566,2	25,8
ALEMANHA	277,6	12,6
REINO UNIDO	182,5	8,3
FRANÇA	156,4	7,1
JAPÃO	109,3	5
EX-URSS	93,2	4,2
BRASIL	81,2	3,7
ITÁLIA	68,3	3,1

Fonte: UNIDO (1993)

Pelo lado da oferta, onde há concorrência perfeita, é marcante a fragilidade das estruturas produtoras frente às poderosas multinacionais que dominam a comercialização e o processamento do cacau, o que caracteriza um oligopsonio. Cerca de 95% do faturamento com

amêndoas, derivados de cacau e, notadamente, com chocolate, é apropriado pelas multinacionais e somente 5% fica para os produtores. Essas empresas geralmente comercializam outras *commodities*, sendo pouco dependentes dos negócios com cacau.

Na tabela a seguir, que apresenta o total de moagens mundiais para o período 1990/91 a 1993/94, verifica-se que entre os países produtores, apenas Brasil, Costa do Marfim e Malásia têm participação no processamento do cacau, sendo o Brasil o único que possui um significativo nível de processamento em relação ao total da produção. Cerca de 90% do processamento mundial é feito por multinacionais, nos seus países de origem ou nos países produtores.

TABELA 4 - (Em mil t):

PAÍS	90/91	91/92	92/93	93/94
EUA	268	303	315	327
ALEMANHA	294	306	310	333
HOLANDA	268	294	300	312
BRASIL	260	230	225	241
REINO UNIDO	145	152	160	175
COSTA DO MARFIM	118	110	95	105
MALÁSIA	78	85	90	100
RÚSSIA	83	32	80	110
MUNDO	2366	2342	2421	2518

Fonte: OICC e CEPLAC

Na década de 90, os preços



86677012

internacionais do cacau (entre US\$600/t e US\$1000/t) chegaram ao nível mais baixo dos últimos anos. As mudanças estruturais ocorridas no mercado internacional desde meados da década de 70 explicam este declínio dos preços. O aumento dos preços e da receita cambial dos produtores nos anos 70, quando a tonelada chegou em 77/78 a valer US\$ 6.654 (a valores de 1992), estimulou a expansão da produção de cacau inclusive com a introdução de novas fronteiras (Malásia, Indonésia e Papua-Nova Guiné), concorrendo para gerar excessos de produção sete a oito anos depois do plantio e tornando a produção mundial mais estável, pois reduziu a vulnerabilidade à variações climáticas.

Ao mesmo tempo em que houve essa elevação da oferta, observou-se uma retração na demanda, visto que os altos preços alcançados anteriormente pelo produto haviam sido repassados aos derivados.

Com a entrada da nova produção no comércio mundial, a partir da safra de 1984/85 verifica-se, um excesso de produção persistente. O nível de estoques elevou-se pressionando os preços para baixo.

Apesar de tentar fazer frente ao poder de mercado dos compradores, através da elaboração do Acordo Internacional do Cacau, em 1972, os países produtores não conseguiram se organizar para exercer poder sobre os preços mundiais.

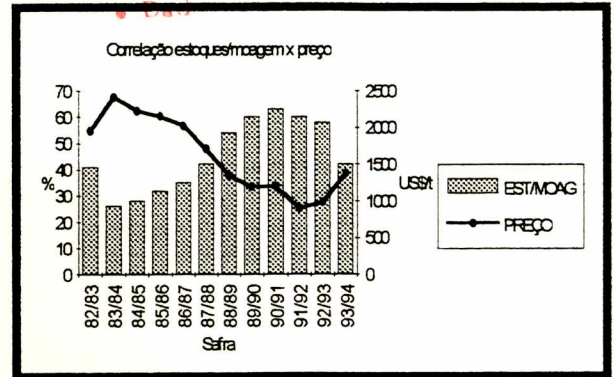
Inicialmente, foram estipuladas cotas de exportação entre os produtores e, em 1980, adotou-se a manutenção de estoques reguladores. Entretanto, nenhum dos dois mecanismos foram eficazes. O fracasso do Acordo é atribuído, principalmente, à ausência de dois importantes produtores, Malásia e Indonésia, e à variada importância que o produto tem do ponto de vista do Balanço de Pagamentos dos países produtores.

Após a abertura do mercado dos países do leste europeu, houve a desorganização dessas economias, resultando na redução de sua demanda por cacau, o que contribuiu para o prolongamento da crise no mercado internacional.

O comportamento dos preços no mercado internacional é fortemente influenciado pela relação entre o volume de estoques, que é determinado pelo balanço entre produção e consumo, e o nível de moagens. Recentemente, como pode ser observado no gráfico a seguir, o nível de estoques foi reduzido após 3 safras em que a demanda superou a oferta, pressionando os preços para cima. Atualmente os preços estão em torno de US\$ 1.300/t.

Os preços internos acompanham as cotações internacionais, recebendo ágio ou deságio em função do volume de produção, da demanda interna por produtos processados e das aquisições para exportação.

Centro de Pesquisa **GRÁFICO 1:**



Fonte: OICC

-Mercado Nacional:

A lavoura cacauzeira brasileira ocupa uma área de aproximadamente 830 mil ha, distribuídos por oito estados. Na tabela a seguir, que mostra a participação de cada unidade produtiva em termos de área e produção, fica evidente a importância da Bahia na atividade.

TABELA 5:

ESTADO	PROD. (%)	ÁREA CULTIVADA (%)
BAHIA	81,7	84,9
PARÁ	7,9	6,4
RONDÔNIA	7,3	5,4
ESPIRITO SANTO	2,2	2,6
MATO GROSSO	0,8	0,5
OUTROS	0,1	0,2

Obs: outros compreende Acre, Amazonas e Maranhão.

Fonte: CEPLAC (1993).

As compras internas de cacau, bem como sua exportação são concentradas, como acontece no mercado internacional. Dez empresas respondem por cerca de 85% das exportações e as três maiores (Chadler, Joanes e Cia. Brasileira Exportadora-CBE) dominam metade do valor exportado. É marcante a presença das empresas com domínio de capital estrangeiro, que respondem por cerca de 60% do faturamento obtido com a exportação de cacau e seus derivados.

Com a crise da produção, duas mudanças podem ser observadas. Ocorre uma maior concentração do mercado e uma crescente participação das empresas de capital externo em detrimento das empresas de capital nacional.

Existem uma tendência ao aumento da demanda interna por amêndoas para processamento, visando atender ao crescimento da demanda interna por produtos do cacau e ao Mercosul, e uma expectativa de quebra de 15% da safra nacional, em função da situação atual da lavoura. Deste modo, espera-se que a safra 1994/95 não atenda à demanda interna e às exportações *in natura*. Sendo assim, surgiu um movimento de importação por

parte das indústrias processadoras. Esse movimento foi seguido por protestos dos produtores que argumentam que as importações podem trazer novas doenças e provocar a redução dos preços internos, potencializando a crise atual.

A terceira maior empresa processadora no Brasil, a Chadler Industrial da Bahia S.A., transferiu sua unidade de Salvador para os EUA em razão da atual crise da cacauicultura que a obrigaria a importar cacau para beneficiamento no Brasil. Como é mais fácil e barato importar nos EUA, a Chadler optou pela transferência. Esse movimento é prejudicial ao País, reduzindo sua participação no processamento e, portanto, no valor agregado total das vendas de cacau e derivados.

A crise atual da lavoura cacaujeira é mundial, causada principalmente pelos preços baixos. A crise brasileira, entretanto é mais grave, em consequência da soma dos fatores conjunturais já abordados com fatores estruturais internos: o modelo primário de monocultura para exportação e os aspectos culturais do cacauicultor, que desenvolve a atividade de forma extrativista, sem investimento sistemático em aprimoramento do processo produtivo ou aumento de produtividade.

Os déficits acumulados da lavoura e a interrupção do crédito rural, em função da inadimplência dos produtores, fizeram com que sequer as práticas rotineiras de trato da lavoura fossem realizadas, permitindo o crescimento acelerado da "vassoura-de-bruxa" e a queda contínua da produtividade, num círculo vicioso.

Segundo a CEPLAC, essa doença foi descoberta na Bahia pela primeira vez em maio de 1989. Em setembro passado, a área cultivada atingida pela "vassoura" representava 55% da área total e em março deste ano 70,1%, mostrando que a doença se alastra de forma exponencial. A tabela abaixo mostra o total da área atingida e o grau de infestação. Assim, é essencial adotar medidas que a contemham para evitar a erradicação da cultura e as consequências que essa erradicação teria para a região.

TABELA 6:

SITUAÇÃO	ÁREA (mil ha)	% EM RELAÇÃO À ÁREA TOTAL
SEM INCIDÊNCIA	196	29,9
INCIDÊNCIA BAIXA	256	39,1
INCIDÊNCIA MÉDIA	146	22,3
INCIDÊNCIA ALTA	56	8,6

Fonte: CEPLAC, (março/95)

Não se conhece cura ou forma de eliminação total da "vassoura-de bruxa", mas domina-se o seu ciclo reprodutivo, o que viabilizou o desenvolvimento de técnicas de

manejo que permitem combatê-la e reduzi-la a níveis mínimos. Estas técnicas constituem um pacote tecnológico, desenvolvido pela CEPLAC, que deve ser aplicado em toda a lavoura, evitando a sua erradicação e preparando-a para a modernização produtiva e administrativa que viabilizará economicamente a lavoura.

PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO DA LAVOURA CACAUEIRA

Em função da importância sócio-econômica do cacau para a Bahia, em especial para a região sul do estado, foi criado uma linha especial de crédito para financiar os produtores baianos atingidos pela "vassoura-de-bruxa", com o objetivo de controlar a doença, visando a recuperação da produtividade e competitividade da lavoura.

Foram destinados ao programa R\$ 340 milhões, a serem aplicados em 4 anos, através do Banco do Brasil e do Banco do Estado da Bahia, utilizando recursos do BNDES, do Tesouro Nacional e do Banco do Nordeste do Brasil. Para a atual safra está prevista a aplicação de R\$ 100 milhões, dos quais R\$ 60 milhões oriundos do BNDES. No intuito de garantir o alcance dos objetivos do programa, é obrigatória a aplicação do pacote tecnológico desenvolvido pela CEPLAC, que ficará, junto com a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agropecuário, responsável pela elaboração dos projetos individuais e prestação de assistência técnica.

É imprescindível para a continuidade da lavoura que o programa atinja seus objetivos. O controle da doença representa tão somente o primeiro passo. Trata-se de dar sobrevida ao cacau baiano, proporcionando tempo para adoção das medidas necessárias à correção estrutural da atividade, que envolvem a modernização e diversificação da atividade produtiva e, principalmente, a mudança da mentalidade do cacauicultor.

Existem exemplos de unidades produtivas que, mesmo face às atuais condições conjunturais e cercadas por cacauais fortemente atingidos pela "vassoura-de-bruxa", apresentam bons índices de produtividade e são economicamente rentáveis, demonstrando a viabilidade da cultura.

Elaboração:

- . Jaldir Freire Lima - Gerente
- . Geraldo A. da Silva Filho - Estagiário

Colaboração:

- . Alexandre P. G. Pereira - Engenheiro
- . Sandra Helena G. de Siqueira - Psicóloga
- . Débora Valadão Araújo - Estagiária

Pesquisa bibliográfica:

- . Heloíza Miranda - Bibliotecária

**Maiores informações:
Telefone (021) 277-7311**